A PASTORAL DA JUVENTUDE NA DIOCESE DO XINGU-ALTAMIRA: MEMÓRIAS SOBRE FORMAÇÕES DE JOVENS¹

Hugo Araújo Sales²

César Martins de Souza³

Resumo: Busca-se nesse trabalho analisar de que maneira a Pastoral da Juventude da circunscrição eclesial Diocese do Xingu-Altamira forma os seus jovens participantes e como essa formação colabora com a valorização do protagonismo do jovem leigo e com seu ganho de autonomia. Intenta-se associar o processo formativo da Pastoral da Juventude do Xingu ao que Gohn chama de *educação informal e não-formal* em sua bibliografia. Para tanto, objetiva-se também através do processo de entrevistas com algumas lideranças atuais e anteriores da Pastoral da Juventude buscar entender o processo histórico desse movimento eclesial e como ele se configurou na atual Diocese do Xingu-Altamira.

Palavras-chave: Educação; Autonomia; Igreja; Catolicismo.

¹ Como citar: SALES, Hugo Araújo; SOUZA, César Martins de. A Pastoral da Juventude na Diocese do Xingu-Altamira: memórias sobre formações de jovens. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 21, n. 39, p. 343-370, 2021.

² Especialista em Letras: Linguagem e Ensino e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará e professor na Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasil Novo, Brasil. E-mail: hgsalesar@gmail.com.

³ Estagiário Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia e do Campus de Bragança, ambos da Universidade Federal do Pará, Brasil. Investigador Externo do Centro de Estudios de la Argentina Rural/Universidad de Quilmes, Argentina. Editor-Chefe da Nova Revista Amazônica/Universidade Federal do Pará, Brasil. E-mail: cesarmartinsouza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4530-4844>.

*THE PASTORAL DA JUVENTUDE IN DIOCESE OF XINGU-ALTAMIRA:
MEMORIES ABOUT YOUTH DEVELOPMENT*

Abstract: This work seeks to analyze how the PJ of the ecclesial circumscription Diocese of Xingu-Altamira develop young participants and how this development contributes with the valorization of the youth protagonism and with the gain of autonomy of the same. The intention is associate the developmental process of the PJ of Xingu to what Gohn named informal and non-formal education in his bibliography. Furthermore, the objective is also through the process of interviews with some current and previous leaders of PJ to understand the historical process of this ecclesial movement and how it was configured in the currently Diocese of Xingu-Altamira, focusing on the development of youth through the years.

Keywords: Education; Autonomy; Church; Catholicism.

“A Pastoral da Juventude é a maior escola de formação de lideranças”. Essa declaração foi dada, no ano de 2014, por Dom Vilsom Basso, antigo assessor da Pastoral da Juventude (PJ) do Brasil durante parte da década de 1990. A afirmação nos despertou o interesse em entender os processos formativos da PJ, em especial, da PJ da Diocese do Xingu-Altamira⁴ (PJX). Fruto deste interesse, este artigo surgiu buscando compreender a PJ enquanto movimento coletivo e organismo socioeducacional preocupado com a formação eclesial e social de cidadãos, especialmente no que concerne a sua autonomia e com a constituição de protagonismo juvenil.

Busca-se compreender esse fenômeno dentro da Pastoral da Juventude na circunscrição eclesial Diocese do Xingu-Altamira, território que abrange dez municípios do estado do Pará. De início é oportuno esclarecer que a

⁴ A Diocese do Xingu-Altamira foi criada em 1934 pelo Papa Pio XI, sob o nome de Prelazia do Xingu e, em 06 de novembro de 2019, após a conclusão desta pesquisa, o Papa Francisco extinguiu a Prelazia e a erigiu à condição de Diocese do Xingu-Altamira. Sobre o tema, consultar <http://www.cnbbne1.org.br/papa-francisco-cria-a-diocese-de-xingu-altamira-no-para/>. Acesso em 17 jul. 2020

pedagogia da Pastoral da Juventude distingue-se daquela utilizada por instituições de ensino formal (escolas, centros educacionais, etc). Utilizam-se, aqui, portanto, os conceitos formulados por Maria da Glória Gohn (2001; 2010), concernentes à dualidade *educação formal / educação não-formal* e a sua vasta bibliografia; buscamos entender também como a educação popular freiriana influenciou diretamente nos rumos da (form)ação leiga no Brasil e consequentemente da PJ. Moacir Gadotti (2000) e Eduardo Dullo (2014), teóricos que debatem a educação popular em Freire nos auxiliam nessa investigação.

Para a construção deste artigo realizamos entrevistas, participamos de eventos da Pastoral da Juventude, reunimos documentos da Diocese do Xingu, subsídios e documentos específicos da PJ, documentos e estudos formulados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), além de obras lançadas pela Seção de Juventude do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), especialmente os livros que compõem a trilogia “Civilização do Amor” (“Pastoral da Juventude: sim à Civilização do Amor”, “Civilização do Amor: Tarefa e Esperança” e “Civilização do Amor: Projeto e Missão”).

Um dos autores deste texto atuou por anos e até hoje tem forte inserção na Pastoral da Juventude do Xingu (PJX), de forma que não apenas dialoga com os interlocutores, como também foi formado em todo esse processo desde os anos 2000, de forma que a construção das entrevistas não enfrentou dificuldades para agendamentos. O outro autor atuou como pesquisador junto à Pastoral da Comunicação/Regional Norte II/ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 2002-2003, e tem desenvolvido palestras e debates junto a algumas pastorais sociais da Igreja Católica, inclusive da PJX. A inserção dos autores no universo das pastorais sociais possibilitou a construção de um olhar próximo e distante, sobre o qual trata Clifford Geertz (2014). Ambos já atuaram profissionalmente ou pessoalmente nos trabalhos da pastoral e assim observam para dentro das atividades e, ao mesmo tempo, refletem em busca de compreender as dinâmicas histórico-sociais envolvidas.

Para a realização desta pesquisa foram realizadas entrevistas e também utilizado o recurso da experiência dos pesquisadores, a partir de sua inserção

junto a PJX e a outras pastorais da Igreja Católica. As entrevistas se mostram importantes para buscar entender como, historicamente, a PJX organiza os seus processos formativos visando à autonomia do jovem e ao protagonismo. Para tal, foram escolhidas oito pessoas que atuaram como lideranças da PJ em diferentes momentos do processo histórico desse movimento na Diocese do Xingu-Altamira: são leigos jovens e padres que se dedicaram ao trabalho com as juventudes do Xingu ao longo dos anos.

PASTORAL DA JUVENTUDE: MEMÓRIA E IDENTIDADE

“Um povo sem memória é um povo sem coluna vertebral” – esta frase encontra-se no Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil, Estudo nº 76 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Trata-se de uma citação de Che Guevara, político, médico e guerrilheiro argentino-cubano, um dos mais importantes ideólogos e liderança expressiva da Revolução Cubana (1953-1969). A citação utilizada mostra preocupação da PJB, no fim da década de 1990, com o resgate histórico-memorialista dentro da maior pastoral⁵ que tem o público jovem como protagonista – e provavelmente, um dos maiores organismos juvenis da América Latina.

Lima (2012) considera que a Pastoral da Juventude no Brasil se construiu como atuante na formação de jovens conscientes de seu papel transformador junto às comunidades em que vivem e atuam. Uma formação voltada à identificação e ressignificação de uma situação social de exclusão de direitos vivenciada por setores da sociedade, no sentido de pensar/projetar o enfrentamento dos problemas existentes, sem perder de vista as diversidades socioculturais e as especificidades locais. Nesse sentido, o autor analisa que a partir da:

⁵ “Pastoral” é a ação da Igreja Católica no mundo ou o conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão de continuar a ação de Jesus Cristo junto a diferentes grupos e realidades. Ver: www.cnbb.org.br/pastorais/.

reconfiguração dos meios de atuação da Igreja Católica frente aos problemas sociais e o reconhecimento de que seria necessário reconhecer as especificidades sociais que permeavam a juventude, surge no Brasil, em 1979, a Pastoral da Juventude do Meio Popular, que se distinguiu das outras pastorais por articular e agrupar jovens das classes populares, estudantes, operários, empregados, desempregados, que se reconhecem como membros socialmente excluídos e/ou explorados; por conscientizar os jovens a assumirem sua classe e lutarem pela transformação de sua realidade e de sua comunidade a partir da ação, do processo de iniciação e conscientização e do processo de militância (Lima, 2012, p. 13).

É um processo de formação voltado para a ação de transformação de realidades sociais marcadas por exclusões e perdas de direitos, de forma que a conscientização vem a partir de um mergulho em diversos estudos, debates e atividades para levar os diferentes sujeitos a enxergarem o contexto em que estão inseridos e a partir disso pensar metodologias que levem a uma ampliação deste quadro, a fim de que a comunidade se veja neste contexto, construindo, assim, coletivamente o processo de mudança.

Muito da história da Pastoral da Juventude do Brasil se originou nos movimentos da Ação Católica (ou simplesmente AC) – movimento que instigou mudanças decisivas nos parâmetros metodológicos e organizacionais de diversos movimentos tanto do meio social, quanto do meio eclesial. A AC foi composta essencialmente por leigos⁶ – embora esses apenas levassem adiante a mensagem da hierarquia da Igreja Católica – marcando a história da igreja por algumas décadas e sendo considerada

uma sementeira e escola multiplicadora na formação, participação e promoção dos leigos na vida e na missão da Igreja. Foi como que a matriz fundadora, no

⁶ Diz-se daquele que não exerce o sacerdócio, mas que exerce dentro das estruturas da Igreja Católica um “cargo sublime” que “consiste em pastorear de tal modo os fiéis e de tal modo reconhecer os seus serviços e carismas, que todos, cada um segundo o seu modo próprio, cooperem na obra comum”.

século XX, dos dinamismos de organização dos leigos com fins apostólicos. (CELAM, 1987, p. 58).

A AC foi importante para a organização do leigo e surgiu inicialmente apenas como uma proposta para a expansão das influências da Igreja Católica frente às mudanças ocorridas no mundo. Maia e Sales (2018) afirmam que a Igreja buscava ampliar o número de fiéis e retomar espaços outrora perdidos; e, para isso, o leigo assumiria papel fundamental. Mas, apesar de sua importância, este ator só passaria a ter mais autonomia dentro das estruturas eclesiais com o passar das décadas e com a (r)evolução da Ação Católica.

A Ação Católica Especializada (ACE) foi revolucionária por mobilizar grande número de fiéis além dos muros da Igreja, buscando o povo onde ele estivesse inserido e, também, por perceber a necessidade de uma metodologia que aliava a evangelização à formação política e social. Era o momento em que a AC representaria a Igreja nos diversos setores da sociedade, a partir de sua juventude.

A inserção dos jovens em meios sociais diversos resultou na criação de movimentos da juventude católica em diferentes ambientes. No meio rural, criou-se a JAC (Juventude Agrária Católica); nas cidades, especialmente no meio estudantil e acadêmico, surgiram a JEC (Juventude Estudantil Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica). Para as juventudes que trabalhavam nas fábricas existia a JOC (Juventude Operária Católica).

O novo momento da AC no Brasil apresentava o leigo como “representante da Igreja” em diversos ambientes sociopolíticos: seriam os jovens os responsáveis por levar o espírito de justiça e outros valores do catolicismo para dentro desses organismos da sociedade. As ações, as ideias e todo o conjunto de valores da Igreja seriam representados por seus fiéis nesses espaços (Maia; Sales, 2018).

A ACE levou o leigo a outros espaços com as suas concepções do catolicismo; e, em compensação, nesses espaços o jovem leigo também foi alimentado por inúmeras outras concepções. A mera “transmissão” de

dogmas prevista pela AC passou para uma troca de vivências e ideologias que construiu um novo pensamento no jovem leigo atuante na ACE.

Esse pensar diferenciado do católico atuante na ACE criou um leigo autônomo e com maior liberdade de pensamento, que aos poucos se desprendeu da imposição institucional da hierarquia clerical. Essas características alimentam a ideia de que a ACE estava ligada à concepção de Danièle Hervieu-Léger de modernidade religiosa – ideia compartilhada, em partes, por João Batista Libânio (2005), segundo quem

[a] primeira intencionalidade da Igreja, [em] respeito à Ação Católica, soava clericalista de manter a separação entre leigo e clero, e, de certo modo, distante do mundo moderno. No entanto, o desenrolar da história produziu efeito diferente, não previsto. Formou um leigo autônomo, crítico, com iniciativas e permeado pela modernidade sociocultural (Libânio, 2005, p.15).

No fim da década de 1960, com a extinção oficial da ACE – resultado de pressão interna por setores mais conservadores da IC e de pressões externas, muito por conta da perseguição durante a ditadura militar – houve certa dificuldade para a organização juvenil dentro da igreja, especialmente no que tange ao debate sobre sociedade e fé.

Foi um momento de hiato nas ideias e reflexões deixadas pela ACE – muito embora lideranças dos organismos especializados tivessem dado continuidade ao seu trabalho fora das estruturas eclesiais, como lideranças da JUC que passaram a atuar na Ação Popular, na União Nacional dos Estudantes e em outros movimentos. Dick (1999) afirma que a hierarquia clerical, em um período de grande efervescência cultural e estudantil, preferiu recuar em relação aos avanços da ACE e aderir às ideias do “golpe” ao invés de, junto ao jovem leigo, tentar compreender esse momento.

Prova desse recuo indicado pela Igreja Católica são os Movimentos de Encontro (MEs): reuniões coordenadas por pessoas adultas que não faziam parte do público da PJ, algo diferente do que ocorria nas reuniões e encontros

das juventudes especializadas que traziam o jovem como protagonista do seu processo de organização.

Embora os MEs tivessem adesão das hierarquias clericais, não eram o espaço de boa parte das lideranças formadas pelas juventudes especializadas da ACE. O ganho de autonomia dos jovens leigos os conduzia para a construção de um movimento que, mesmo dentro das estruturas eclesiais, mantinha o jovem como protagonista na igreja e na sociedade – movimento impulsionado, em parte, pela Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla (1979) e que carregava consigo teorias que provinham de grandes líderes da Teologia da Libertação. Além disso, a conjuntura mostrava o país fervilhando em manifestações democráticas, ensaiando os primeiros passos rumo à redemocratização.

No documento gerado a partir da Conferência de Puebla, o episcopado latino-americano elenca os jovens como opção preferencial clamando por sua inserção na Igreja, dizendo-lhes serem responsáveis pela construção eclesial e estimulando-lhes à formação na fé e à formação sócio-política para as mudanças de estruturas. O Doc. 85 da CNBB, documento que apresenta os desafios e as perspectivas da evangelização da juventude, afirma que a partir daquele momento:

[h]ouve necessidade de adequar a evangelização para acolher os novos valores de liberdade, da participação política e da consciência crítica. Surgiu uma nova geração de jovens católicos que era protagonista do seu próprio processo de educação na fé e que podia dialogar com a nova realidade que surgia (CNBB, 2010, p. 139-140).

Inicialmente, a PJ no Brasil se organizou nas instâncias diocesanas e regionais, buscando, depois, espalhar-se pelas instâncias menores (paróquias e comunidades) e almejando uma articulação maior (tanto em nível nacional, quanto no âmbito latino-americano). Faz-se necessário observar que o trabalho pastoral com a juventude surge ao mesmo tempo em diferentes locais. Dick (1999) nos diz que

fica claro [...] que havia [...] fortes iniciativas pastorais com relação à juventude em vários lugares, destacando-se a caminhada do Sul e do Nordeste. O Nordeste e o Sul, diferenciadamente, insistem nos mesmos pontos sem, contudo, ter-se encontrado para discutir ou enfrentar os pressupostos teóricos (Dick, 1999, p. 18).

Em meados da década de 1970 e início da década seguinte, a PJB era dividida entre PJ Geral e PJs Específicas, sendo que a PJ (Geral) era vista como uma pastoral que priorizava a iniciação dos jovens para as PJs Específicas – que eram consideradas pastorais de militantes. Houve, com o passar dos anos, o fortalecimento das diversas pastorais da juventude específicas (PJE, PJR, PJMP), ao passo que a PJ (Geral) buscava crescer, compreendendo seu espaço, mas, afastando-se da ideia de “pastoral para iniciantes”.

As ações da Pastoral da Juventude, no entanto, intensificaram-se e organizaram-se a partir da década de 1990. Nesta década, a PJ continuou em busca de seu espaço e metodologia próprios, diferenciando-se das pastorais específicas. Tal fato tornou-se realidade em 1994, no Encontro Nacional da PJ (sem as pastorais específicas), em Pontalina-GO. Neste encontro, a PJ fez uma análise de si, compreendendo o seu espaço e identidade, com a definição final de que aquela era formada por jovens de diferentes realidades. Hilário Dick (1999) denomina essa PJ como PJC (Pastoral da Juventude das Comunidades) e essa é o objeto de estudo deste trabalho.

PJ NA DIOCESE DO XINGU-ALTAMIRA: LUTAS NA MARGEM DO RIO E DA ESTRADA

Existem indefinições referentes aos primeiros passos da Pastoral da Juventude da Diocese do Xingu-Altamira, uma vez que na diocese não existem registros documentais que datam o surgimento da PJ. No entanto, as atividades com a juventude leiga católica na Diocese do Xingu-Altamira era uma preocupação desde a década de 1960. O bispo emérito Dom

Erwin Kräutler⁷, desde sua chegada à microrregião de Altamira, em 1965, contribuiu com os trabalhos de organização da juventude da Ação Católica, substituindo outro padre:

Quando eu cheguei, rapaz novo, com 26 anos, a primeira coisa foi isso: ‘você tem que assumir [o trabalho d]a juventude’. Aí comecei. Fizemos naquele tempo a Vivência Amiga. Tinha no pique da nossa movimentação em torno de duzentos jovens que participavam. E ocupavam esse salão paroquial, o João XXIII. E ocupamos... Tinha tudo, tinha tudo. Era uma animação tremenda.

D. Erwin Kräutler, aliás, é o principal nome em se tratando de Diocese do Xingu-Altamira, cuja participação em organismos juvenis católicos em todo o Brasil deve também ser destacada. Mais do que um dos construtores da PJX, D. Erwin é um nome sempre respeitado na região, não apenas como sacerdote-bispo, mas também como um defensor dos direitos humanos. Outro entrevistado nesta pesquisa também teve sua vida sacerdotal vinculada ao trabalho com a juventude. Trata-se do padre Alírio Bervian, uma liderança histórica na construção da PJX. O sacerdote alimenta a ideia de que a caminhada das diversas organizações de juventude no Xingu desembocou no que é conhecido como Pastoral da Juventude⁸.

⁷ Erwin Kräutler é um religioso austro-brasileiro, missionário da Congregação do Preciosíssimo Sangue, bispo católico, bispo prelado emérito do Xingu, no estado do Pará. Naturalizado brasileiro desde 1978, diz-se “brasileiro nascido na Áustria”. Ressalta-se sua atuação em defesa da vida das florestas, do Rio Xingu; é um grande apoiador da organização popular na Transamazônica. Entrevista realizada com Dom Erwin Kräutler, no município de Altamira. Entrevista realizada no dia 5 de janeiro de 2018.

⁸ Padre Alírio Bervian, natural do Gravataí/RS, nasceu no dia 31/05/47. Veio para a Transamazônica no ano 1976, enviado da Arquidiocese de Porto Alegre. A trajetória de Padre Alírio se confunde com a história de organização das comunidades católicas ao longo da Transamazônica. Foi um dos responsáveis pela animação dos encontros de juventude nas margens da rodovia e pela organização popular das décadas de 1980 e 1990 nessa região. Entrevista realizada em 17 de maio de 2018.

Nos últimos anos da década de 1980, a Pastoral da Juventude já contava com pequenos grupos de jovens em sua organicidade, espalhados por todas as paróquias da então Prelazia do Xingu, algo que amadureceu ainda mais na década de 1990. Esses grupos, também chamados de *grupos de base*, foram sempre lembrados nas entrevistas como a principal estrutura da Pastoral da Juventude. Dentro dessa organicidade, são esses grupos que dão sustentação para as coordenações paroquiais, setoriais, preláticas/diocesanas, regionais e nacionais. A fala “não existe PJ sem [grupos de] base”⁹ em uma das entrevistas condiz bastante com a declaração dos documentos da CNBB que afirmam o grupo de jovens enquanto “experiência central da proposta pedagógica e evangelizadora da PJ do Brasil”.

Os grupos são vistos pelos entrevistados como local de “evolução e amadurecimento junto à igreja e à comunidade através de uma formação diferenciada”¹⁰. Além disso, os grupos de jovens da PJ têm sua identidade¹¹ norteada pelo Estudo 76 – Marco Referencial (CNBB, 1998), pelo subsídio *Somos Igreja Jovem* (PJ, 2012) e por sua vasta bibliografia própria.

As características dos grupos de base – que os diferenciam dos outros grupos – são valorizadas em uma das entrevistas, quando os colaboradores dizem que “o grupo de jovens tem que ser caracterizado, ter nome, bandeira, camiseta, lema, ir caracterizado para o congresso. É a identidade da PJ”. A fala do padre Alírio destaca o fato de que é importante diferenciar os grupos da PJ a partir de suas peculiaridades, mesmo que eles sigam a mesma bandeira norteada pela instituição nacional. A criação identitária é, para

⁹ Danyllo Worlan Baracho é licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Pará – campus Altamira e educador popular. Coordenador da Pastoral da Juventude – Regional Norte 2 (estado do Pará e Amapá). Entrevista realizada em 19 de maio de 2018.

¹⁰ Diogo Alexandre Suk é graduando em Geografia pela Universidade Federal do Pará – campus Altamira. Atualmente, é coordenador da Pastoral da Juventude da Diocese do Xingu-Altamira.

¹¹ De acordo com o subsídio *Somos Igreja Jovem*, por identidade entende-se o conjunto de características e circunstâncias que distinguem pessoas ou coisas e, graças a esta, é possível individualizar-se. (CNBB, 1998), *Somos Igreja Jovem* (PJ, 2012).

ele, um grande momento de construção do coletivo e, simultaneamente, da construção da autonomia de cada jovem participante dos grupos de base.

Todos esses grupos, em suas estruturas paroquiais, preláticas/diocesanas, regionais ou nacionais, se reúnem em atividades massivas junto da juventude. Fomentadas nos diversos níveis, essas atividades são recursos pedagógicos essenciais para interação e conscientização das estruturas da PJ através da formação, avaliação e celebração das atividades da juventude nas diversas realidades. Maia e Sales (2018) destacam os grupos de base como uma das opções metodológicas “herdada” da ACE.

Outra opção metodológica destacada por Maia e Sales (2018) são as assembleias. As Assembleias da Pastoral da Juventude do Xingu ocorrem a cada dois anos, são encontros em que se reúnem grande número de jovens para momentos de recreação, mas, principalmente de formação, tomada de decisões e definição das estruturas de coordenação e representação da PJ na diocese.

Além dessas atividades de massa, pode-se destacar como atividade que compreende toda a juventude da Diocese do Xingu-Altamira a Romaria da Floresta¹², encontro organizado pelas Congregação de Notre-Dame e a PJ da Paróquia de Anapu, envolvendo juventudes de toda a Diocese do Xingu-Altamira. Ainda neste âmbito, é preciso registrar a recente Caminhada da Juventude do Xingu (CAJUX), encontro de interação e organização massiva para formação e debates politizados.

Todos esses encontros – os dos grupos de base e as assembleias/congressos da PJX – no processo de construção do protagonismo e na formação eclesial e sociopolítica da juventude, somam-se a outros encontros, pensados por cada coordenação de paróquia. Essas coordenações têm autonomia para pensar particularmente projetos que articulem o tripé fundamental da PJ:

¹² Romaria da Floresta, caminhada feita em memória de Ir. Dorothy Stang, assassinada no município Anapu em 2005. A caminhada tem início no Centro de Formação São Rafael (local onde Dorothy foi sepultada) até a comunidade conhecida como PDS Esperança (local em que Dorothy foi assassinada).

ação, espiritualidade e formação. A formação, base essencial desse tripé, como visto, sempre foi preocupação das organizações juvenis da Diocese do Xingu-Altamira e tem fortes ligações com os conceitos pedagógicos formulados por teóricos que pensam a educação que ocorre fora da escola.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NA PASTORAL DA JUVENTUDE DO XINGU

A partir da frase em que Dom Vilsom Basso afirma que a Pastoral da Juventude é uma escola de lideranças no Brasil, buscou-se, neste trabalho, verificar se tal afirmativa encontra fundamentos em fatos, se encontra concretude, e quais seriam os processos educacionais em que se dá essa formação. Em leituras e pesquisas, na maior parte dos documentos sobre a PJ no Brasil e no pouco acervo bibliográfico que fala sobre a PJ na Diocese do Xingu-Altamira, as palavras “formação” e “educação” são constantemente encontradas.

Um dos principais e mais presentes métodos de formação – mais um “herdado” da ACE após a sua “extinção oficial” – continua presente e perceptível nos trabalhos pastorais da juventude do Xingu. Trata-se da metodologia que consiste em três momentos: a observação da vida do jovem, partindo da realidade (ver); a análise dos desafios observados anteriormente, feita a partir da fé (julgar) e a ação concreta e transformadora do meio (agir). Este método é ainda hoje fortemente utilizado na ação Pastoral da Igreja. Trata-se do *ver-julgar-agir*. Para Maia e Sales

[o] método “ver-julgar-agir” proporciona ao jovem uma formação voltada e adaptada a sua realidade, sendo a sua vida, a realidade vivenciada por ele, seus problemas e experiências que geram o principal insumo para o processo, possibilitando maior capacidade de crítica em sua formação e levando a um tipo de ação reflexiva. A ação valorizada na PJB é aquela realizada de forma refletida (Maia; Sales, 2017, p. 100).

O uso do método *ver-julgar-agir* pode aproximar bastante a metodologia das atividades da Pastoral da Juventude das ideias de Paulo Freire (1987) e de sua *educação popular*, uma vez que a sua pedagogia pode ser lida a partir dessa metodologia. De acordo com Dullo (2014), tal método leva o homem oprimido à percepção de seu lugar no mundo, tirando-o da “ingenuidade” e proporcionando-lhe oportunidades de tomada de consciência crítica e, conseqüentemente, motivando-o a lutar pela transformação do meio sociopolítico em que está inserido.

Em outro texto, no qual problematiza seu estudo sobre projetos sociais da Igreja Católica, de formação de jovens em São Paulo, Dullo (2011) argumenta que são religiosos cristãos que atuam nesse processo e que os ajudados são jovens da comunidade, de forma que as ações são baseadas no conceito cristão da “Graça”, como o motivador deste processo.

Norget et al (2017) analisam que o conceito teológico de “Graça”, relacionado ao sacrifício, foi importante para a construção de uma perspectiva da Igreja Católica voltada para uma relação mais próxima com as sociedades nas quais se insere, considerando a diversidade cultural em seus diversos aspectos. Através da Graça, o catolicismo enxerga as comunidades como dotadas de direitos, devendo ser respeitadas a partir dos direitos humanos.

Em seu estudo sobre a Pastoral da Juventude no Brasil, Sofiati (2012) considera que a formação é um dos eixos fundamentais da PJB e a define como:

O termo “processo de formação” é entendido aqui como o conjunto dos métodos pedagógicos e das opções políticas assumidas pela PJB em seu desenvolvimento histórico. Esse processo é composto por vários elementos que norteiam a formação do jovem católico nas pastorais. Dentre eles, destaca-se a opção pelo trabalho em pequenos grupos de base e a utilização do método *ver-julgar-agir-rever-celebrar*, concebido como um modo de inserção e olhar sobre a realidade social e religiosa do país (Sofiati, 2012, p. 2).

Deste modo, a PJB atuava na formação visando lançar um olhar de dentro, no método *ver-julgar-agir*, para mergulhar na realidade religiosa e

social, no sentido do enfrentamento vivenciado sobretudo pelos jovens em suas comunidades. Esta visão foi fundamental na construção da Igreja no Xingu que se aproximou das comunidades, atuando significativamente em um processo de formação de lideranças. Em seus estudos sobre a atuação da Igreja Católica no enfrentamento dos problemas socioambientais, em consequência da construção da Hidrelétrica Belo Monte, Miranda (2020) analisa que a Diocese do Xingu atua, historicamente, baseada na perspectiva do cumprimento de uma missão profética que visa formar diferentes sujeitos para que possam vir a se constituir como lideranças conscientes de seus papéis, viabilizando a defesa dos direitos humanos na região. Nesse sentido, a autora toma a construção da rodovia Transamazônica, em 1970, como um marco das atividades de formação de lideranças católicas, sobretudo a partir das pastorais sociais, com destaque para a Pastoral da Juventude.

Essa nova geração, que pensava o seu próprio processo de educação na fé e autonomia de atuação frente à sociedade, planejando e avaliando a sua ação de evangelização e ação social, deu início à PJ em meio a esse rico contexto. Hilário Dick (1999) afirma que a Pastoral da Juventude é

a ação organizada dos jovens (vivência comunitária da fé inserida na realidade social, e não só vivência dos sacramentos) sendo igreja, tanto em caráter particular (diocese), como em caráter mais amplo, envolvendo diversas dioceses da mesma jurisdição (Estado, país e diferentes países), ativando uma articulação com objetivos, propostas, planejamentos e estruturas de apoio comuns (Dick, 1999, p. 329).

É adequado analisar o modelo metodológico de formação da Pastoral da Juventude com a educação popular em Freire (1987) e também com as propostas metodológicas de Maria da Glória Gohn (2001), quando problematiza a importância de compreender os processos de construção da *educação não-formal*.

Nesse sentido, buscamos analisar o modelo de educação da Pastoral da Juventude em consonância com as propostas de Gohn e de Paulo Freire. Progressivamente, a Pastoral da Juventude se afastou do método *ver-julgar-agir*,

sem, contudo, se descolar das metodologias da educação popular, a partir da construção de práticas não formais. Isso ocorreu especialmente a partir dos anos de 1990 e, na região do Xingu, com maior força a partir do início dos anos 2000. Em consonância, Martins (2002) afirma que

[n]o final dos anos 80s e início dos 90s, a PJ começava a sentir as mudanças sociais e clericais em processo. Em termos clericais, o avanço da RCC (Renovação Carismática Católica), especialmente entre os jovens, indicava que novamente uma espiritualidade despolitizada se colocava à frente, pondo em questão a própria efetividade da metodologia e proposta da PJ para a juventude católica. Além disso, havia mostras de recuo e enfraquecimento da Igreja Popular (Martins, 2002, p. 91).

No livro “Pastoral da Juventude: Sim à Civilização do Amor”, um documento que influencia as estratégias adotadas na formação de jovens pelas PJs, há um enfoque na educação não-formal de Gohn (2001) como a principal base teórica adotada. O livro associa o processo de educação não-formal à “formação na ação” que é perpassada pela prática: uma espécie de oposição à formação puramente teórica (CELAM, 1987, p. 133).

Gohn (2001) estabelece o conceito de educação não-formal, o qual pode ser associado aos modelos de educação que são experimentados pela Pastoral da Juventude no Xingu. Para esta autora, o termo “educação não-formal”, cunhado trabalhos científicos anteriores, concebe como suposto básico a ideia de que a aprendizagem se dá por meio da prática (Gohn, 2001). A autora também afirma que o conhecimento só é gerado por meio das ações frente a “situações-problema”: trata-se da “formação na ação”, processo que percorre toda a estrutura de formação da Pastoral da Juventude.

O modelo educacional estudado por Gohn – notado em maior grau a partir dos anos 2000 – é visto decerto em todas as estruturas da Pastoral da Juventude, mas, principalmente dentro dos grupos de base. A educação não-formal manifesta-se nos ambientes de caráter coletivo, através do processo de compartilhamento de experiências, por mais que o que se aprenda seja absorvido individualmente (Gohn, 2001; 2010).

Libânio (2004) mostra que no final dos anos 1960 eclodiu o tema da juventude e dos novos desafios que os jovens enfrentavam em sua busca por espaço na sociedade. Por não serem vistos como uma transição para a idade adulta, mas como sujeitos que buscavam se encontrar, estes jovens viam na Igreja uma possibilidade de dialogar sobre temáticas importantes. Mesmo entre jovens das elites da sociedade, o autor destaca que muitos buscavam na PJ esta nova orientação:

Muitos jovens, vindos de famílias tradicionais, de catequese e de colégios religiosos que rezavam pela antiga cartilha, encontravam na PJ um espaço de reorientação da vida, deixando um passado escrupuloso de culpabilidade sem cair, no entanto, no extremo do laxismo (Libânio, 2004, p. 67).

Os educadores sociais, nesses casos, seriam os companheiros de grupo de jovens, mas, também, e em especial, os coordenadores de pequenos grupos, assessores da Pastoral da Juventude e coordenadores das instâncias paroquiais, prelatias/diocesanas, regionais e nacionais. Os resultados na aprendizagem a partir dessa proposta de educação não-formal são diversos, a saber: a consciência e organização do trabalho coletivo, a contribuição para o sentimento identitário com o grupo e a comunidade que o cerca, a formação para a vida e para as suas adversidades, a valorização do indivíduo (o que é denominado pela mídia como “autoestima”), o conhecimento a partir da prática, a leitura analítica do mundo que o cerca, etc. São conhecimentos diversos que abordam questões individuais (de cunho existencial, espiritual ou formativo), comunitárias e sociopolíticas.

Gohn garante como resultado da educação não-formal a valorização do indivíduo, afirmando que ela “dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutar para serem reconhecidos como iguais” (Gohn, 2010, p. 21).

Fábio Barros afirma que esse trabalho era feito realmente e garante que os resultados da formação, visando ao aspecto da personalização, eram extremamente positivos:

E a gente trabalhava com uma coisa que era muito forte, muito sólido naquela época que era a formação da personalidade dos jovens. É um pouco ousado você tentar debater e formar personalidade das pessoas, mas a PJ tinha esse trabalho intensivo pra formar a personalidade dos jovens, dentro a dinâmica de formação de lideranças. E isso era tão importante, tão positivo que tu via que na escola que o cara da PJ estudava, ele era destaque. Se ele tava na universidade, ele era destaque. Lá no trabalho, ele era destaque. Entende?¹³

Essa construção de um perfil diferenciado de jovem tem o complemento a partir das outras dimensões da formação integral, como a dimensão mística-teologal em que é despertada no jovem a sua educação na fé formando-o na experiência com Deus (espiritualidade) e auxiliando-o na compreensão teórica da sua crença (Teologia). Essa educação na fé é pautada pela adesão do jovem a uma Comunidade Eclesial e pelo compromisso no serviço libertador dos irmãos (CELAM, 2013).

Gadotti (2000) não vê uma ruptura entre as teorias da educação popular adotadas sobretudo por movimentos sociais a partir da década de 1990. Ele analisa que, após os processos de redemocratização do Brasil, a educação popular passa a ser incorporada em outros modelos metodológicos, dentre eles, as teorias da educação não-formal.

Assim, a dimensão política busca formar o jovem consciente de sua condição social e política, capaz de fazer a leitura conjuntural do meio em que está inserido e buscando adequar sua dimensão de fé ao compromisso sociopolítico (CNBB, 1986). Através da sensibilização e conscientização

¹³ Fábio Barros foi coordenador da PJX e da PJ Nacional entre os anos de 2002 e 2012. Formado em Biologia pela Universidade Federal do Pará – campus Altamira, atualmente é educador popular na Casa de Educação Popular – Altamira. Entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2018.

para perceber as realidades desiguais em que vivem, objetivando a ação através da organização do coletivo, busca-se estimular o senso crítico do jovem encorajando-o a “trabalhar pela conversão dos corações” através da solidariedade e pela melhoria das estruturas sociais extremamente desiguais. A conscientização para seu papel enquanto agente político faz com que o jovem se perceba como ser atuante na construção de sua cidadania. Dessa forma, a PJ, através dos moldes de educação não-formal, ensina sobre política e sociedade, como afirmou uma das entrevistadas:

Dentro da PJ você aprende a analisar a conjuntura, aprende sobre a política, não a politicagem, mas, a política. Nós discutíamos sobre as políticas públicas naquele tempo. Você não é a mesma pessoa depois que passa pela PJ. É um divisor de águas.¹⁴

Os jovens são formados dentro da perspectiva mais ampla de construção do sujeito que vê a si mesmo no mundo e enfrenta a condição social de exclusão em que está inserido. É uma visão que integra perspectivas teológico-filosóficas com uma perspectiva de educação voltada para os oprimidos, como defende Paulo Freire (1987). Para Dullo (2011), o conceito teológico-filosófico denominado “Graça” é fundamental para o cristianismo e fundamental para compreender a atuação dos jovens e o processo social de formação que foi construído a partir da década de 1970. Este conceito rompe com as separações de qualquer tipo entre as pessoas, por anunciar que não há merecimento ou forma alguma de superioridade aceitável entre elas, de modo que se deveria buscar construir uma sociedade em que todas tenham os seus direitos respeitados. Esta ideia nos permite entender as motivações e também a construção dos processos de formação de jovens no Xingu, a partir da ação de missionários e missionárias que buscam construir uma sociedade de direitos que recuse exclusões e ideias preconcebidas e etnocêntricas, em

¹⁴ Suelem Felizardo foi coordenadora da PJX no começo dos anos 2000. Migrou para os movimentos sociais. Atualmente é funcionária pública em Medicilândia/PA. Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2018.

uma realidade profundamente modificada a partir da implementação de grandes empreendimentos de integração e desenvolvimento.

O padre Alírio Bervian foi ainda mais enfático na sua entrevista ao afirmar que a PJ vem contribuindo diretamente para a formação de pessoas que trabalham nas diferenciadas áreas e em atividades que possam resultar no bem-estar do povo.

Onde estão os jovens que estiveram na PJ? Viraram padre, prefeito, vereadores, presidentes de sindicato, professores. São agentes de transformação da sociedade. Onde estão aqueles jovens? Transformando. Se vê hoje: [eles são] dentistas, advogados, professores, juízes, são formadores de opinião, né? Formadores de opinião trabalhando em vários setores da sociedade, mas, sempre voltando pro povo, pensando no povo. Essa é a grande sacada da PJ.

Dom Erwin colabora com esse debate afirmando que a PJ no Xingu vem fazendo o debate político, se posicionando politicamente, organizando-se e “sendo o presente, agindo no hoje”. Essa dimensão que cuida da formação política é apenas uma dentre os quatro principais campos da educação não-formal para Gohn, segundo quem, essa aprendizagem virá por meio da participação em atividades grupais, gerando a “conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca” (Gohn, 2001, p. 98). Tal compreensão nas atividades da Pastoral da Juventude do Xingu surge através de debates e discussões dentro do próprio grupo de jovens, mas também nas atividades de massa da PJ. Cabe a citação da Romaria da Floresta – dentre diversas atividades da PJ que despertam a formação de cunho político – enquanto caminhada política que proporciona o conhecimento de realidades diferentes, de povos menos favorecidos que buscam, através da manifestação pacífica, seu lugar de direito na sociedade.

É importante entender que a formação na Pastoral da Juventude pode se dar de diversas maneiras. Nos debates com os entrevistados conseguimos elencar dois processos formativos que são importantíssimos dentro da PJ e são ligados ao que Gohn chama de educação não-formal: a formação

externa e a formação interna. Entende-se como *formação interna* aquela vivida no dia a dia do grupo de jovens; em sua reunião semanal ou quinzenal; buscando o debate de determinado tema ou de determinada ação (através do *ver-julgar-agir*); vivendo a interação coletiva na transmissão e recepção de informações que se assomam aos conhecimentos dos jovens quase que de forma imperceptível.

Por sua vez, a *formação externa* é concebida como o processo de instrução que acontece fora dos encontros (semanais ou quinzenais) do grupo de jovens da Pastoral da Juventude, mas ainda assim dentro do espaço eclesial-pastoral (estruturas da igreja ou estruturas já utilizadas pela Pastoral da Juventude). Normalmente, nessas formações os coordenadores e assessores buscam esclarecer temas alheios aos presentes nas estruturas do grupo de jovens, chamando pessoas que não participam das estruturas da PJ para explicar a respeito. De um lado, um grande público jovem ouvindo, assistindo e participando, do outro, quando possível, um adulto (na maioria das vezes) ou um jovem com caminhada pastoral mais ampla tratando de algum assunto que se julga importante em determinado momento para os participantes dos grupos de jovens. Tem-se, nesse tipo de formação, algo que poderia confundir-se com a educação formal, não fosse a liberdade e opção de participação (ou não), a independência em relação ao ambiente escolar (e aos objetivos da educação formal). Muitas vezes, nesses momentos, a aula expositiva, a palestra, o seminário e a comunicação individual são utilizadas como estratégia de formação dos jovens presentes.

Diogo Suk, coordenador da PJ em Altamira, recorda ainda de um terceiro processo formativo que acontece nas estruturas da PJX:

São as formações que acontecem de forma despreocupada. Talvez seja a formação mais importante, que é a formação que se dá no dia a dia, que a gente nem percebe. Por exemplo, essa conversa que nós fazemos, de maneira informal, espontânea. É uma formação também. A gente não tem uma pauta planejada, nem uma metodologia predefinida. Esses espaços de diálogo, com um cafezinho, com um biscoito... Talvez seja pra gente conseguir enxergar o que

a gente não conseguiu enxergar em uma formação toda metódica [...]. Ou no grupo de jovens. Então, essas rodas de conversa que a gente acaba tendo no dia a dia é um tipo de formação. A vivência é formação.

A formação baseada em diálogos, quando construída no surgimento da PJ, trazia na prática transformações profundas na compreensão sobre o processo de educação dos jovens, sobretudo os marginalizados e excluídos socialmente. Os métodos serviam como meio para a formação, sempre abrindo caminho para processos em que a interação e troca de experiências é a base para uma educação construída em um modelo freireano em que todos aprendem e se formam (Freire, 2009). Ao mesmo tempo, esta forma de pensar a formação dos jovens, busca transformar a base da sociedade, pensando e agindo sobre uma teologia que não aceita o uso do cristianismo para a cristalização da marginalização dos sujeitos, mas que, ao contrário, pensa a igreja como um caminho importante para romper com estruturas de pensamento predominantes e praticar a ruptura com modelos excludentes (Dullo, 2011).

Teixeira (1992) argumenta que, sobretudo a partir da década de 1970, se construiu um novo protagonismo da Igreja marcado pelo esforço de reunir diferentes pastorais e grupos católicos, no sentido de promover o enfrentamento às desigualdades sociais e formando lideranças que passaram a militar nas diferentes localidades em que vivem. É a Igreja rompendo com uma visão elitista, apoiando suas bases leigas para atuar fortemente junto às pastorais sociais, como a Pastoral da Juventude, formando jovens para atuarem em suas comunidades, formando outros sujeitos para ecoar uma visão missionária que leve o evangelho em oposição às desigualdades sociais.

São características do terceiro processo formativo adotado pela PJ, na educação popular: a não-intencionalidade de ensinar ou aprender nesses momentos, bem como a aprendizagem involuntária a partir dos diálogos. A fala de outra entrevistada, Scheila, liderança da PJ em Medicilândia, corrobora esta perspectiva:

Até nas conversas que a gente tem, mesmo que não no encontro do grupo de jovens, numa conversa... Muitas das nossas maiores lições acontecem muito por acaso assim... Porque às vezes quando alguém te procura para discutir, para que você opine sobre alguma coisa, aquilo rende uma conversa muito interessante que contribuiu vezes muito mais do que os grandes encontros de formação. Eu me apego muito a isso porque é uma realidade da pastoral da minha cidade.¹⁵

A diversidade de fundamentos educativos adquiridos pela proposta da educação não-formal é percebida com cuidado pela Pastoral da Juventude quando essa propõe uma “formação integral” que busque formação para todas as áreas da vida e não somente relativas a um campo da vida ou do conhecimento (CELAM, 2013). A PJ entende que a “evangelização dos jovens terá sucesso à medida que responda globalmente às necessidades e aspirações dos mesmos” (CNBB, 1986, p. 23), não visando apenas à doutrina ou ao ensino da fé, mas, optando por formar os jovens a fim de suprir suas carências dentro das múltiplas dimensões do sujeito.

Entende-se, nos documentos da PJ do Brasil e da Pastoral Juvenil da América Latina, que a formação integral pretende responder a cinco dimensões essenciais da vida do jovem. A formação para cada uma dessas dimensões é imprescindível dentro da pastoral. A primeira delas diz respeito à personalização do jovem: é a dimensão psicoafetiva. Nessa dimensão leva-se em conta o relacionamento do jovem consigo mesmo em busca da resposta existencial para o questionamento “quem sou eu?”, levando em conta seu relacionamento e suas formas de lidar com a família e amigos. A busca pela construção do indivíduo acompanhando os jovens na busca pelo autoconhecimento, autocrítica, autovalorização chegando na autorrealização.

Essa formação surge de ações não planejadas previamente e ocorre em ambientes variados, espontâneos: acontece nas visitas informais a casa

¹⁵ Scheila Gonçalves Carara atualmente é coordenadora na PJ da paróquia de Medicilândia. Formada em Administração, atua na PJ desde 2006. Entrevista realizada no dia 6 de janeiro de 2018.

de amigos pejoteiros, nos debates antes de iniciar o grupo de jovens, nos intervalos das atividades massivas da PJ. Aquele que tem mais ou aquele que tem menos atuação dentro da PJ: qualquer um pode ser o educador nesse processo formativo. Tende-se a chamar essa outra forma de aprender e ensinar de “formação indireta”, pois não há o direcionamento consciente de aprendizado naquele determinado momento. Tal fato corrobora o que Gohn chama de educação informal. Esses saberes adquiridos na educação informal “são absorvidos no processo de vivência e socialização” (Gohn, 2010, p. 18).

Por fim, há ainda duas dimensões do processo de formação da PJ que têm sua importância. A primeira trata do aspecto psicossocial, sendo importante para a integração com o outro e com a comunidade. Gohn afirma que a educação não-formal ajuda o indivíduo a se perceber enquanto ser social e comunitário, tendo no outro o seu principal educador (Gohn, 2010). A segunda dimensão restante trata da dimensão técnica, proporcionando aos participantes do grupo de jovens a formação para o exercício da liderança, atuando na coordenação e organização do grupo, podendo, em seguida, cooperar de forma eficaz para a organização da comunidade e da sociedade de forma participativa e democrática. Esse tipo de formação corresponde ao que Gohn chama de “educação para a civilidade”, mais um importante campo da educação não-formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há dentro da Pastoral da Juventude do Xingu manifestações juvenis que apresentam a PJ não apenas como um aglomerado juvenil ligado à Igreja Católica, mas, também, como um organismo educacional de formação pautado em modelos educacionais não-formais e informais. Buscou-se mostrar, neste trabalho, a PJ como “casa de educação” na região do Xingu, respondendo à fala de Vilsom Basso em Manaus no ano de 2014 e garantindo: sim, a PJ é formadora de jovens.

A PJ e outros movimentos muitas vezes não são percebidos enquanto importantes na formação da juventude. Mas a formação nessas entidades mostra o caminho para a conscientização dos jovens sobre sua realidade social, o que os coloca na condição de multiplicadores deste processo, visando ao enfrentamento das desigualdades sociais.

Sofiati (2012) destaca que a maioria dos jovens brasileiros é socializada em uma sociedade injusta e excludente, de modo que a atuação da PJB junto às classes populares vem a ser fundamental para a construção de uma realidade baseada no respeito aos direitos sociais. Para o autor, a PJ teve um papel importante na progressiva formação dos jovens para além dos canais escolares oficiais, que vão se descobrindo sujeitos de sua própria realidade, na perspectiva do compromisso com a missão da igreja e com as pessoas de suas comunidades, visando à transformação de realidades e inserção social da juventude em diferenças espaços, como missas, movimentos populares, sindicatos.

A PJ na Diocese do Xingu se construiu na perspectiva de formar os jovens para além da estrutura da Igreja Católica, buscando o enfrentamento de diversos fatores que contribuíram para sua exclusão social. Assim, em um processo crescente, as formações passaram à conscientização, à atuação nos movimentos estudantis, movimentos de bairro, sindicatos, e em outros espaços onde pudessem buscar a construção de uma sociedade de direitos para populações frequentemente atingidas por megaempreendimentos como a rodovia Transamazônica e a Usina Hidrelétrica Belo Monte.

A atuação da PJX se pautou no propósito de ensinar os jovens não para reproduzirem saberes na perspectiva de quem ensinou, mas, sim, para serem cidadãos críticos, conhecedores da importância de sua participação social para a consolidação da democracia, emancipando-se ao ver em suas mãos o conhecimento dos seus direitos e deveres para com o próximo. Algo que a PJ tenta fazer apoiada pelas estruturas da Igreja, ainda mais no Xingu, berço de infindáveis lutas por justiça e igualdade. Não se trata aqui de substituir uma forma de educação pela outra, tampouco de desmerecer a educação formal oferecida pelas escolas, mas, da possibilidade de articular a educação

dos jovens aos diferentes processos de formação juvenil. Na visão de Gohn (2001) é um sonho, utopia, mas é, também, urgência e demanda social.

REFERÊNCIAS

- CELAM. *Pastoral da Juventude: Sim à Civilização do Amor*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- CELAM. *Civilização do Amor: Projeto e Missão*. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- CNBB. *Documento da CNBB nº 85: Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CNBB. *Estudo nº 44: Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CNBB. *Estudo nº 76: Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DICK, Hilário. *O Caminho Se Faz: história da Pastoral da Juventude do Brasil*. Porto Alegre: IPJ, 1999.
- DULLO, Eduardo. Paulo Freire, O Testemunho e a Pedagogia Católica: A ação histórica contra o fatalismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 29, n. 85, p. 49-61, jun. São Paulo: ANPOCS, 2014.
- DULLO, Eduardo. Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade. *Religião e sociedade*. v. 31, n. 2, p. 105-129. Rio de Janeiro: ISER, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. *Perspectivas Atuais da Educação. São Paulo em Perspectiva*. n. 14 (2), São Paulo: Fundação Seade, 2000.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não Formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNIO, J. B. *Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIBÂNIO, J. B. *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento*. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2005.

LIMA, Francisco das Chagas Galvão de. *Pastoral de Juventude do Meio Popular: práticas educativas e de cidadania*. Dissertação de Mestrado em Educação. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPB, 2012.

MAIA, César Portantiolo; SALES, Lilian Maria Pinto. Pastoral da Juventude do Brasil: Uma Proposta de Formação de Indivíduos Não Individualistas. *Caminhos*. v. 15, n. 1, p. 96-109, jan./jun. Goiânia: PUC, 2017.

MAIA, César Portantiolo; SALES, Lilian Maria Pinto. Ação Católica e Modernidade Religiosa: Um Debate Sobre a Autonomia do Leigo. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 34, ano 19, p. 155-182, 2018.

MARTINS, Suely Aparecida. A Socialização Política na Pastoral da Juventude: O Caso de Londrina/PR. *Revista Mediações*: v. 7, n. 1, p. 71-111, jan./jul. Londrina/PR: UEL, 2002.

MIRANDA, Tânia Nazarena de Oliveira. Igreja e território, entre o tempo, o espaço e os conflitos: discursos e práticas sobre Belo Monte. *Nova Revista Amazônica*. v. 8, n. 3, p. 129-149. Bragança-PA: UFPA, 2020.

NORGET, Kristin; NAPOLITANO, Valentina; MAYBLIN, Maya. *The Anthropology of Catholicism: a reader*. Oakland-EUA: University of California Press, 2017.

SILVA, Joaquim Alberto Andrade; VIEIRA, Luis Duarte; SILVA, Roberta Agostinho da. (Org.). *Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer / Somos Igreja jovem*. Brasília, DF: PJ, 2012.

SILVA, Welington Teodoro da; ROCHA, Daniel. Pastoral da Juventude do Meio Popular e Puebla: análise histórica da recepção das “opções preferenciais pelos jovens e pelos pobres”. *ATeo*. Rio de Janeiro, v.23, n.61, jan.-abr., p. 62-80, 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz. A juventude da Teologia da Libertação. *Horizonte*. Belo Horizonte, v.10, n. 26, abr.-jun., p. 333-356, 2012.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil: traços explicativos de sua gênese. In: DUSSEL, Enrique. *500 anos de História da Igreja na América Latina*. São Paulo, Edições Paulinas, p. 563-582, 1992.

Recebido em: 23/07/2020

Aprovado em: 29/06/2021